

A EUROPA E A AMÉRICA

por Mário Soares

A vitória do Senhor Berlusconi, e dos seus aliados Boni e Fini, não foi nada boa para a Europa. Representou uma derrota da Esquerda italiana, em contra-ciclo, assumida por Walter Veltroni, um antigo comunista enamorado do Centro. Criou o Partido Democrático para envolver o Centro Esquerda (Socialista), o Centro e alguns Democratas-Cristãos. Ora, na política europeia, o Centro só pode ser eleitoralmente conquistado, por uma Esquerda forte e dinâmica, capaz de mobilizar o eleitorado descontente e não por uma Esquerda timorata, envergonhada pelo facto de o ser, tentando concorrer com a Direita, sem se diferenciar muito dela, para ganhar o Centro.

Esse foi o erro de Veltroni, ao criar o Partido Democrático, que acabou por não ser nem peixe nem carne. Por isso, não foi capaz de dinamizar o eleitorado tradicional da Esquerda, irritado com a política de compromisso permanente de Prodi. A abstenção beneficiou, obviamente, Berlusconi e o seu aliado do Norte. Por outro lado, a ilusão de um gestor competente (Berlusconi), em fase de crise financeira e económica que atravessa a Itália (e a Europa) fez o resto.

O tempo, contudo, encarregar-se-á de demonstrar que um excelente gestor privado, dos interesses próprios, não é necessariamente um bom gestor público (defensor do interesse geral e da comunidade). São coisas diferentes. Aliás, as duas anteriores encarnações, do Cavaliere, como Primeiro Ministro, são concludentes quanto a esse ponto...

A União Europeia precisa de uma Itália fortemente europeísta, como sempre foi no passado. Não será o caso, com Berlusconi nem, sobretudo, com Boni, que foi, aliás, o grande vencedor das eleições. Temos, por isso, na frente europeia, tão importante para o futuro próximo, um motivo suplementar de preocupação. Berlusconi aumenta a força do partido atlantista e pro-americano, ao lado de Brown e de Sarkozy, o qual, com a sua política errática e imediatista, parece querer renovar a "entente cordiale", esquecendo-se das advertências do general De Gaulle, que sempre considerou o Reino Unido como o "cavalo de Tróia" americano na Europa. E - repare-se - nesse tempo ainda a Europa estava na infância da arte: era CEE e não União Europeia e nenhum dos sucessivos alargamentos se tinham consumado.

Pobre Senhora Merkel, neste jogo de espelhos em que continuamos, com estes parceiros frouxos, nada coerentes e pouco corajosos. Pode contar com a Península Ibérica e alguns mais, seguramente. Mas, infelizmente, tudo parece apontar para que continue a indecisão e o impasse.

O Papa, cuja política conservadora não é segredo para ninguém, não escolheu seguramente a melhor ocasião para ir à América. Manifestou, desde o início, a sua vergonha pelo comportamento criminoso e imoral dos padres e bispos pedófilos. Fez bem. Falou na ONU em defesa dos Direitos Humanos e contra as desigualdades. É certo. Mas ir à América, visitar Bush, a sete meses do fim do seu mandato, é uma ideia que ninguém pode aprovar. Sobretudo porque não consta que tenha criticado Bush, publicamente, pelo comportamento em Guantanamo, em Abu Grahib, pela pena de morte e pela legislação sobre a tortura. Ora precisava absolutamente de o fazer para ter credibilidade no resto!

Assim vai o Ocidente, envolvido nas suas contradições e fragilidades, a caminho de uma decadência económica e política anunciada... Talvez Barak Obama nos salve, mostrando aos brancos anglo-saxões que um afro-americano na Casa Branca pode estar muito mais próximo do pioneirismo humanista de um Roosevelt ou de um Kennedy do que os outros dois Candidatos, brancos, anglo-saxões puros, um republicano e outra, democrata, integrados ambos, até aos ossos, no sistema neo-liberal que conduziu a grande América à tristeza em que se encontra...

Lisboa, 24 de Abril de 2008